

Mediações culturais entre Paraguai e Mato Grosso do Sul: a mulher paraguaia no conto de Josefina Plá e Hélio Serejo

Doutoranda Suely Aparecida de Souza Mendonça¹ (UNESP-ASSIS)

Resumo:

Esta comunicação apresenta uma leitura da representação da mulher paraguaia nos contos La mano em la tierra, Jesus Menihno e Vaca reta (2000), da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá, e Nhá Chamé, do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo (1998). Pelas noções de hibridismo, descentramento e diáspora organizadas por Escosteguy (2001), pressupomos a mulher paraguaia como elemento importante na formação das identidades nacional paraguaia antes, durante e depois da guerra entre o Brasil e o Paraguai (1870), e regional sul-mato-grossense, quando imigrantes paraguaios, em sua maioria mulheres, deslocam-se de sua pátria para o antigo estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Assim, entendemos que uma das mais acentuadas implicações da guerra entre os dois países foi o processo de sincretismo cultural que o universo feminino paraguaio introduziu no Paraguai e em Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Regionalismo, identidade, mulher, Paraguai, Mato Grosso do Sul.

Introdução

Josefina Plá (1909-1999) é uma das representantes de renome e qualidade internacionais da literatura paraguaia, junto com Roa Bastos, pois sua obra está totalmente identificada com a cultura paraguaia do século XX. Espanhola de nascimento e paraguaia por opção, Plá desempenhou papel importante no Paraguai, contribuindo para o enriquecimento do contexto cultural do seu país adotivo, e empreendendo importantes trabalhos na arte e na cultura, principalmente na literatura paraguaia.

Plá escreveu poemas, peças de teatro e prosa, em destaque os contos cujos motes vão desde o papel do homem branco europeu e da mestiçagem na colonização do Paraguai às guerras e conflitos sociais deste país. No entanto, um dos temas mais relevante em suas narrativas é a mulher paraguaia, abordada em diversas épocas e espaços paraguaios, enfatizando os períodos colonial, pós-colonial e bélico da nação guarani. Na acepção de Martinez,

[...]leídos ahora sin obviar el contexto sociocultural paraguayo ni el período en que fueron concebidos (entre las décadas de los 20 y los 80 del siglo que acabamos de despedir), no podemos dejar de aceptarlos como un aporte enriquecedor a la tendencia más crítica y realista dentro de la gran corriente del criollismo hispanoamericano, esa narrativa llamada "de la tierra", nacional en su mirada y ecuménica en su mensaje, que fue, en el tiempo, la segunda gran contribución de América Latina, después del Modernismo, a la literatura del mundo. (MARTINEZ, 2001, p. 2.)¹

Hélio Serejo(1912-2007), escritor e poeta sul-mato-grossense, é considerado um profundo conhecedor da história e dos costumes da região de fronteira, Ponta Porã-Paraguai, pois relata em forma de narrativa suas experiências na fronteira, além de registrar um vocabulário influenciado pelo espanhol e pelo guarani e retratar a mulher paraguaia nos usos e costumes regionais e nas lendas e tradições relacionadas com a atividade ervateira.

¹ [...] lidos agora sem esquecer o contexto sociocultural paraguaio nem o período em que foram concebidos (entre as décadas de 20 a 80 do século que acabamos de despedir) não podemos deixar de aceitá-los como um aporte enriquecedor da tendência mais crítica e realista da grande corrente do crioulismo hispano-americano, essa narrativa chamada “da terra”, nacional em sua mirada e ecumênica em sua mensagem, que foi, no tempo, a segunda grande contribuição da América Latina, depois do Modernismo, a literatura do mundo.” (Tradução nossa)

Importa ressaltar que, nesta comunicação, o termo regionalismo assume neste texto um significado de interação entre as práticas literárias e culturais paraguaias e sul-matogrossenses, descerrando fronteiras geográficas e literárias entre estas duas regiões. Dito de outra forma por Franco, um regionalismo em que "los escritores propendían a buscar elementos positivos en su entorno rural más que a lamentarse del atraso de la tierra" (FRANCO, 2002, p. 202).² Entendemos ainda que o conceito de regionalismo foi reformulado pelos Estudos Culturais para, finalmente chegar ao que Campos, citado por Menegazzo, denomina de "transvaloração":

o conceito "não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação; melhor ainda, uma 'transvaloração': uma visão crítica da história como função negativa (...), capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução. Todo passado que nos é 'outro' merece ser negado." (CAMPOS apud MENEGAZZO, 1998, p. 2)

Embora o objetivo desta comunicação não seja o de estabelecer uma leitura histórico-crítica do Paraguai e de Mato Grosso do Sul, a paisagem de fundo dos contos aqui citados retrata alguns fatos que marcaram o solo guarani e a região fronteira. Nesse sentido, os três contos de Plá nos remetem ao universo feminino dos períodos que marcaram a história paraguaia, como a colonização da região pelos espanhóis, a Guerra da Triplice Aliança (1865-1870, Brasil, Argentina e Uruguai) e a Guerra do Chaco (1932-1935). De acordo com Mateo Del Pino,

*Josefina Plá pone en evidencia esta realidad histórica a partir del papel desempeñado por la mujer. De ahí que en sus cuentos las féminas recobren el verdadero protagonismo que históricamente les corresponden [...] De esta manera, la ficción se reviste de un nuevo valor crítico-realista, al ser documento o testimonio de la condición de la mujer paraguaya y, por ende, de la sociedad en la que ésta vive*³. (DEL PINO, 2002, p.2)

Do lado de cá da fronteira, Serejo transforma em ficção os fatos históricos e as paisagens das regiões ervateiras de Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul, na divisa com o Paraguai, como o desenvolvimento e queda da Mate Laranjeira, produtora da erva-mate, ingrediente básico do tererê e do mate, bebidas de origem paraguaia e que os brasileiros da fronteira do centro-oeste facilmente assimilaram em sua cultura. Para Franco,

*El hecho de confundir el documento con la obra de ficción siempre crea dificultades, y en el fondo los problemas de la explotación social a menudo se plantearon de un modo más elocuente en narraciones verdaderas que en libros basados en la situación imaginaria*⁴ (FRANCO, 2002, p. 210)

O lugar da mulher paraguaia na narrativa de Serejo, somado ao "lirismo do chão crioulo para reconstituir a história da gente mato-grossense" (PIRES, 1998, p. 18), assume posições, como o de doméstica ou trabalhadora dos ervais, denotando um realismo-crítico, típico das narrativas regionalistas. No entanto, para Cordoba,

A través del mundo literario y artístico, se observa que las manifestaciones del regionalismo han surgido en todas las latitudes, independientemente del contexto

² [...] os escritores propendiam a buscar elementos positivos em seu entorno rural mais do que alimentar-se do atraso da terra." (Tradução nossa)

³ "Josefina Plá põe em evidência esta realidade histórica a partir do papel desempenhado pela mulher. Daí que em seus contos as fêmeas recuperam o verdadeiro protagonismo que historicamente lhes correspondem [...] De esta maneira, a ficção se reveste de um novo valor crítico-realista, ao ser documento ou testemunho da condição da mulher paraguaia e, por ende, da sociedade em que esta vive." (Tradução nossa)

⁴ "E o fato de confundir o documento com a obra de ficção sempre cria dificuldades, e no fundo os problemas da exploração social amiúde se desenvolveram de um modo mais elocuente em narrações verdadeiras que em livros baseados na situação imaginária." (Tradução nossa)

*socioeconómico, pero acaso han aparecido con mayor vigor en los pueblos desarrollados y que poseen tradición cultural propia*⁵ (CORDOBA, 2001, p. 1).

Assim, percorreremos os densos caminhos do universo feminino paraguaio em Josefina Plá e Hélio Serejo, levando em conta a mulher paraguaia que revela, em qualquer tempo ou espaço, diferentes identidades, passando pela mestiçagem, descetralizando-se de suas raízes espaciais, direcionando-se para outros espaços físicos ou literários, sempre comprometida com as tradições guaranis e espanholas do Paraguai.

1 La mano em la tierra, Jesus Menihno e Vaca reta, de Josefina Plá, e Ña Chamé, de Hélio Serejo: uma sinopse

1.1 La mano em la tierra

La mano em la tierra (1952) narra os momentos finais de Dom Blás de Lemos, desbravador espanhol que reside na região do Paraguai no século XVI. Blás. Pede a Úrsula, sua esposa indígena que chame o padre Pérez para confessar e receber extrema unção. Cecília, ao seu redor, noiva de Velazco, um jovem mestiço, é sua única filha, com a jovem indígena Maria, morta ao dar a luz. Úrsula e Blás têm seis varões, mas só o caçula Diego vem lhe visitar. Os outros moram em outras regiões do Paraguai e da Argentina. Blás confessa o casamento com a espanhola Isabel e com quem teria tido um filho também chamado Blás, mas que não sabe se vive ou não. Vem para América e abandona a esposa na Espanha, embora tenha prometido que voltaria para buscá-la. Na América, junto com outros desbravadores como Ayolas, Cabeza de Vaca, Blás machuca a mão esquerda, causando imobilidade no membro. Ao morrer, o ancião sente saudades da Espanha e, nos últimos segundos de vida, Blás agarra a terra com a mão direita como se quisesse prender a ela para sempre.

1.2 Jesus Menihno

O conto **Jesus Menihno**, escrito em 1965, ocorre Assunção, dois anos após o início da Guerra da Tríplice Aliança e tem como protagonistas uma prostituta e um soldado baiano. Ao descrever a capital do Paraguai tomada pelas tropas dos aliados, o narrador em terceira pessoa nos apresenta uma cidade grotesca, com um céu abismal, rio cor de cobre derretido, árvores com verde sombrio, uma desconsolada paisagem urbana, casas envelhecidas precocemente, muros descobrindo ladrinhos e quintais, fachadas com mofo, ervas daninhas e gramas altas por todo lado, servindo como pasto para algum burro manco, uma galinha alocada, um cachorro lastimoso, um cavalo doente, arrastando casco, um gato não tão fraco porque há muitos ratos. Soldados brasileiros e argentinos, procurando mulheres, transitam por esta urbe que se transformou em um grande cortiço. Nos domingos, poucas moças iam à missa; nas ruas mulheres com fracos filhos no braço, desnutridos pela fome que assola a população, mulheres de todos os tipos: anciãs esqueléticas, mulheres do povo, com frouxas tranças, bisbilhoteiras ou agressivas, outras complacentes.

Junto ao teatro de Madame Blanche, um soldado brasileiro caminha bêbado e com as roupas desgrenhadas. Era um baiano, alto, jovem de corpo atlético, de brancos dentes. Já era o fim da tarde e sem dinheiro, o soldado não consegue mais bebida nos botecos; pensa em saquear uma das casas, pois era fácil fazer isso naqueles dias, mas aquelas que não estão com os donos dentro, já foram roubadas. Consegue usurpar um objeto de uma das casas e sai pelas ruas com a peça envolta num trapo sujo. Entra em um prostíbulo e uma meretriz o atende. Ele pede à moça que o acompanhe

⁵ " Através do mundo literário e artístico, observa-se que as manifestações do regionalismo têm surgido em todas as latitudes, independente do contexto sócio-econômico, porém têm aparecido com maior vigor nos povos desenvolvidos e que possuem tradição cultural própria." (Tradução nossa)

pelas ruas e eles chegam perto de um arbusto. Após alguns minutos a mulher começa a acariciá-lo, mas quando ele diz que não tem dinheiro a prostituta ameaça ir embora, mas ele a detém, oferecendo-lhe o objeto escondido no pano sujo. Ela abre e vê o Menino Jesus, que segundo o soldado, traria boa sorte. A mulher decide ficar com os dois, mas o soldado acaba dormindo e ela vai embora, com o menino nos braços.

1.3 Vaca reta

Composto em sua maioria por mulheres, o conto narra a história de Ña Sotera e outras mulheres de um pequeno povoado às margens de um rio que possuía uma ilha de onde algumas pessoas sempre ouviam mugidos de vaca. No entanto, o marido de Ña Sotera, Pai Conché, fraco e magro, sempre pescava no rio e dizia que também ouvira o mugido e acreditava ser de vacas gordas que possivelmente pastavam nas altas gramas da baía. Dizia uma lenda que naquelas pastagens uma vaca do tamanho de um elefante mugia na outra margem do rio, e pressupunham que ela fazia parte de uma manada que ali vivia, ou, com a subida das águas do rio, o gado teria origem num casal de bovinos que nadou com a cheia e ali ficou.

Ña Sotera liderava o grupo que, para sobreviver, pescava no rio, pois não havia nem galinhas para comer. No entanto, o assunto das vacas era tema constante entre o pequeno grupo. O Velho Pai Conché insistia na ideia de buscar a vaca e um dia saiu para tentar sua proeza e desapareceu. O grupo de mulheres formado por Ña Sotera, Marta, Benigna, Lucia, Librada, Catalina, Engracia; Lui, um jovem deficiente físico e Don Lourenzo saíram a procura do ancião esquelético. Com muito custo pelas margens do rio conseguiram encontrar o velho, que havia feito uma balsa de taquara, boiando no barro do rio, entre uns camalotes. Levado para casa, o homem adoece e, depois de comer carne do veado caçado por Lui, morre feliz, murmurando a tão sonhada vaca gorda do rio.

1.4 Nhá Chamé

O narrador de Nhá Chamé, como o próprio título sugere, conta a história de uma paraguaia que vem, com seu marido Ramón, da cidade de Belém, no Paraguai, para trabalhar nos ervais do sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Lá conseguem emprego em uma fazenda. Instalados em um rancho com dois cômodos e cozinha, o casal inicia sua jornada pelos ervais sul-mato-grossenses. Nhá Chamé prepara os pilões de erva onde soca erva-mate. Em seguida, armazenam a erva em bolsas de dez quilos cada que seriam vendidas para outros estados como São Paulo e Paraná. Nhá Chamé costurava as bolsas e o comércio ia de vento e popa. Um dia Ramón adoece e não pode mais trabalhar. Lutam para que ele se cure: plantas curandeiras, graxa de sucuri, mas não conseguem. Levam o paraguai para Guaíra onde é consultado pelo médico da Empresa Mate. Dali ele é para Assunção e lá é operado, mas um processo infeccioso o mata mais rápido.

Nhá Chamé sofre com a morte do marido, mas volta para fazenda de Serejo onde fica designada para trabalhar na cozinha. Trabalhou ali durante anos, embora o comércio de erva-mate houvesse caído pela baixa do preço. Nhá Chamé resolve voltar para o Paraguai e Serejo providencia sua passagem. Aos 75 anos, a paraguaia deixa a fazenda com o dinheiro que ganhou socando erva e cortando lenha, sua caderneta de administração e uma fotografia tirada por um "lambe-lambe" antes de partir, no Porto Mendes. Nhá Chamé volta ao seu país doente, pois dizia ter uma bola na barriga e precisava ser operada. O patrão Serejo diz que ela morre com a cirurgia, pois ele nunca recebeu uma carta da guarani, embora ela promettesse que escreveria.

2 Hibridismo, Descentramento e Diáspora: aportes para uma leitura do universo feminino nos contos de Plá e Hélio Serejo

O mito da globalização tem-se expandido por todos os continentes, descaracterizando ou estimulando o surgimento de outras culturas. Na América do Sul, a globalização parece chegar muito cedo, no século XIV, com os desbravadores ibéricos. Inicia-se aí um processo de pluralidade de culturas e povos que, hoje, com a possível quebra de fronteiras sócio-culturais, ejeta a busca da identidade cultural como algo sólido e homogêneo. Assim, “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, vê-la como processo em andamento.” (HALL, 2004, p.39).

Este processo intercultural tem sido objeto constante dos Estudos Literários e Culturais por meio da valorização das raízes, etnias e raças, religiões, manifestações sócio-culturais e expressões artísticas, base dos processos de identidade. Sobre essa particularidade Culler (1999:51) garante que “o trabalho nos estudos culturais se harmoniza particularmente como o problemático da identidade e com as múltiplas maneiras pelas quais as identidades se formam, são vividas e transmitidas.” Nessa mesma linha de pensamento, Escosteguy afirma:

[...] identidade é um espaço onde um conjunto de novos discursos teóricos se interseccionam e onde um novo grupo de práticas culturais emerge. Trata-se de uma categoria política e culturalmente construída em que a diferença e a etnicidade são seus elementos constituintes [...] (ESCOSTEGUY, 2001, pg.150).

Sendo assim, o processo cultural que permeia o universo feminino paraguaio será abordado pelas três categorias organizadas por Escosteguy, na obra **Cartografias dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana (2001), hibridismo, descentramento e diáspora.

2.1 O hibridismo feminino em *La mano en la tierra* e *Nhá Chamé*

A identidade como hibridismo, abordada por García Canclini, “é entendida enquanto uma narrativa que se constrói; um relato reconstruído incessantemente e não uma essência dada por uma vez e em forma definitiva (ESCOSTEGUY, pg.179)”. Ao questionar a possibilidade de uma identidade cultural comum aos latinoamericanos, o olhar crítico de Canclini se volta ao processo do hibridismo como mestiçagem, não apenas no sentido étnico, mas na coletividade de narrativas inseridas nos espaços locais, nacionais e regionais, formando e transformando o sujeito através dos tempos.

Por este viés, a representação do universo feminino paraguaio em ***La mano en la tierra*** e em ***Nhá Chamé*** pode ser abordada tanto pelo viés do hibridismo racial como pelo cultural, haja vista que as mulheres que fazem parte destas narrativas mantêm entre si similaridades étnicas e culturais. Úrsula, personagem de ***La mano en la tierra***, é uma indígena que se casa com o espanhol Blás de Lemos e com ele tem seis filhos. Cecília, personagem do mesmo conto, é filha de Blás com outra indígena, Maria. Esta narrativa de Plá representa o nascimento de um hibridismo racial, étnico e cultural do contexto paraguaio, pois, de acordo com Fernández,

presenta el conflicto de culturas entre el padre español y entorno indígena y mestizo, que solo se resuelve simbolicamente al tocar la mano del conquistador, el momento de expirar, la tierra en que han nascidos sus hijos- lo que podríamos llamar de situación de contacto (FERNÁNDEZ, 2000, p. 9)⁶

Assim, o hibridismo assinalado pelo pluralismo racial e étnico do contexto paraguaio não pode ser visto apenas pelo toque masculino e castelhano na terra guarani, mas principalmente pelo contato feminino indígena que carregou em seu ventre os frutos desse cruzamento sanguíneo, representados no conto pela personagem Cecília e pelos filhos varões de Blás. Úrsula e Maria

⁶ [...] presenta el conflicto de culturas entre el padre español y entorno indígena y mestizo, que solo se resuelve simbolicamente al tocar la mano del conquistador, el momento de expirar, la tierra en que han nascidos sus hijos- lo que podríamos llamar de situación de contacto (Tradução nossa)

representam as indígenas guaranis do século XVI que deram importante contribuição para formação do hibridismo paraguaio, e que, embora tenham sido aculturadas, mantêm muitas de suas tradições, como podemos ver na seguinte passagem: Ursula acucillada masca su tabaco [...] _ Son oro puro, mi señor. (También Ursula le llama *che carai*). (PLÁ, 2000, p. 17)⁷.

Em Nhá Chamé, a única personagem mulher no conto de Serejo é paraguaia, e esta estabelece relações com suas ancestrais indígenas mesmo passados os quatro séculos entre uma e outra, morando fora de sua terra natal, lembrando o que Robins chama de “Tradução”, pois para Rushdie, (1991, *apud* HALL, 2004, p. 89): , “ tradução [...] vem, etimologicamente, do latim, significando “transferir”, transportar entre fronteiras”. Este conceito “descreve aquela formação de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado” (ROBINS, *apud* HALL, 2004, p. 88)

Nhá Chamé, paraguaia do início do século XX, traz para Mato Grosso em sua bagagem, algumas práticas culturais paraguaias que já haviam sido assimilados pelos habitantes da fronteira. Pela raiz indígena, a produção erva-mate para tomar o tereré e o mate; na medicina caseira destacase o uso de ungüentos feitos com graxa de animais da região; na agricultura, cultivavam produtos comumente plantados pelos índios guaranis da região. O lado espanhol da protagonista é realçado pela fé católica, principalmente no culto à Virgem Maria:

A eterna preteca⁸ “Virgem de los Milagres, estava amparando- sem dúvida- o casal paraguaio, pois nesta ocasião, o moço Hélio Serejo tinha em mente, produzir erva socada de pilão [...] Todos da ranchada [...] ajudavam a procurar a planta curandeira. Nem a milagrosa graxa de sucuri surtiu efeito [...] Para amenizar a dor cruciante rezava várias vezes ao dia ajoelhada frente ao altazinho da Virgem. A paraguaia inquebrantável plantou um mandiocal, milho, abóbora e fez uma horta variada (SEREJO, 1998, p. 62-65)

2.2 Descentramento da identidade da mulher paraguaia: o outro lado

Ao tratar do termo "descentramento", busca-se um denominador comum nas varias teorias sobre o seu conceito que pode ser delimitado pelo olhar o outro, no outra “margem do rio”. Nesse sentido, descentralizar é trazer para o lado de cá todas as minorias raciais, étnicas e, principalmente, sexuais e mulheres. Na acepção de Escosteguy,

A observação contemporânea de um processo de estilhaçamento do indivíduo em múltiplas posições e/ou identidades transforma-se tanto em tema de estudo quanto em reflexo do próprio processo vivido atualmente pelo campo dos Estudos Culturais: descentrado geograficamente e múltiplo teoricamente. (ESCOSTEGUY, 2001, p.168)

Por este viés, a categoria do descentramento tem como base a identidade feminina paraguaia do século XIX, representando a inverção do papel da mulher ideal, configurado pela sociedade patriarcal e revelando a luta por seu lugar ao sol, em igualdade com o elemento masculino. Destarte, o papel da mulher durante a guerra do Paraguai é tema recorrente de muitos historiadores brasileiros, como Maria Teresa Garritano Dourado, da Universidade da Grande Dourados e Alberto Moby Ribeiro da Silva, do arquivo público do Estado do Rio de Janeiro. De acordo com Dourado,

[...] a partir da década de 70[...] inaugurou-se uma conjuntura mais aberta sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos: prostitutas, operários, velhos,

⁷“ Úrsula masca seu tabaco.[...] São puro ouro, meu senhor. (Úrsula também lhe chama *Che carai*)” (Tradução nossa).

⁸ Ser incógnito que presta ajuda aos bons, puros de espíritos. (SEREJO, 1998, p. 273).

pobres. Os objetos da investigação histórica multiplicaram-se, e nesse contexto os historiadores passam a buscar, com maior intensidade, testemunhos sobre as mulheres, enfrentando o desafio da invisibilidade e colocando-as na condição de objeto e sujeito da história (DOURADO, 2005, p,21)

No que concerne à posição da mulher paraguaia na guerra, Silva comenta que os Aliados agregavam a sua marcha centenas mulheres que viam sua salvação nas tropas estrangeiras, principalmente brasileiras. Assim, essas mulheres "acabavam por encontrar-se em Asunción, único lugar onde havia reais condições de a vida cotidiana se reconstituir minimamente a curto prazo." (SILVA, 2006, p. 4). Deste modo, durante a guerra do Paraguai, a mulher paraguaia assume representa um número varido de papéis, independente da situação econômica de suas famílias, pois muitas senhoras consideradas da alta sociedade, com a guerra, ficaram no mesmo patamar daquelas que pertenciam às classes menos favorecidas. Assim, muitas mulheres foram obrigadas a tomar atitudes focadas na sobrevivência e forçadas na aparência, pois

o grosso da população masculina era constituído de soldados aliados. Estima-se que no auge da ocupação de Asunción, as tropas brasileiras podem ter chegado a aproximadamente 30 mil soldados. As mulheres da cidade eram presa fácil para esse bando de homens embrutecidos pelos horrores da guerra e pela distância da terra natal, cujos apetites sexuais não podiam ser dos mais moderados (SILVA, 2006, p. 4)

No conto **Jesus Meninho**, a mulher paraguaia é fortemente representada por uma prostituta que vende o corpo para sobreviver, numa cidade assolada pela guerra e pela fome. Assim como Silva descreve acima, presa fácil dos soldados, a representação literária da meretriz que trabalha no Salão de Blanche contraria muito a imagem da mulher ideal, dona de casa, mãe e esposa, fragmentando o universo feminino paraguaio sempre norteado por uma visão machista e dominante. A prostituta que se envolve com o soldado brasileiro se vê diante de uma situação na qual, por instantes, quando pega o Menino Jesus de gesso ou de barro em seus braços, encarna o papel de mulher religiosa e de mãe, representa um provável passado ou um futuro distante daquela mulher que ela poderia ter sido e não foi.

La mujer se inclino y alzo el envoltorio: descubrió la figura. Sus dedos oscuros y flacos tantearon trémulos la superficie pulida. El cuerpecito mórbido. La cabeza donde el cabello em graciosa crencha ondulada caía sobre la frente. El niño relumbro en sus manos como um ascua. Los ojos de la mujer se hicieron tiernos. Su cara se iluminó. (PLÁ, 2000, p. 353)⁹

Nhá Chamé é o protótipo da mulher paraguaia fiel às suas tradições culturais e ao contexto patriarcal do início do século XX. Sempre ligado ao marido Ramón, mesmo após sua morte, ela mantém-se unida a ela pela fé. Como toda mulher submissa da sociedade patriarcal, Nhá Chame vê no homem segurança e paz, e não se mostra diferente ao trabalhar na fazenda de Serejo, pois tem por ele um grande afeto que leva consigo ao voltar para o Paraguai.

Ela aceitava, em silêncio, as minhas palavras [...] Não deixava nunca de dizer, com docilidade na voz, que Ramón por ser um cristão virtuoso, sem maldade, estava em uma nuvem ao lado de Deus. Ao ouvir palavras assim, os olhos de Nhá Chame brilhavam com intensidade fora do normal. Em seu quarto- num cantinho reservado- o oratório com os santos e santas. Ali, à noite, Ramón recebia a prova de seu amor e carinho. (SEREJO, 1998, p. 65-66)

⁹ "A mulher se inclinou e tirou o envoltório: descobriu a figura. Seus dedos obscuros e fracos tantearam trêmulos a superfície polida. O corpinho delicado. A cabeça onde o cabelo em graciosa cais sobre a testa ondulada caía sobre a testa. O menino reluziu em sua mãos como brasa. Os olhos da mulher se fizeram ternos. Sua face se iluminou." (Tradução nossa).

O descentramento do universo feminino de **Nhá Chamé** situa-se apenas geograficamente, pois tanto no Paraguai quanto em Mato Grosso do Sul ela representa o mesmo papel imposto pela sociedade da época: mulher ideal, esposa perfeita e serviçal eficiente. Ela pode ser considerada na ficção uma das sobreviventes da guerra do Paraguai que termina em 1870 e vem para a fronteira brasileira trabalhar para sobreviver.

2.3 Diáspora: a mulher paraguaia na busca de si mesma na outro

A *diáspora*, categoria representativa da realidade do judaísmo, tem, além de referentes culturais que resultam em saberes narrativos, pois todo peregrino, pela condição de viajante contínuo passa a adquirir ou difundir novas culturas, assimilando ou propagando novos costumes, crenças e valores. Deste modo, "a experiência da diáspora que se desconecta do sentido estrito da dispersão dos judeus por motivos políticos ou religiosos, em virtude da perseguição de grupos intolerantes, sintetiza a nova configuração que as identidades culturais assumem hoje" (ES-COSTEGUY, 2001:142).

Direcionando um olhar sobre o campo dos estudos literários contemporâneos, a questão da diáspora retratada no trabalho intelectual de alguns artistas do Terceiro Mundo, através do cotejo de produções igualmente marcadas por histórias de deslocamentos e inserção em novas pátrias e territórios. Muitos escritores latino-americanos são revisitados no sentido de fazer valer sua produção intelectual através do processo diaspórico. Pode-se citar o escritor Jorge Luis Borges, que saiu da Argentina em 1914 com destino a Suíça em busca de exílio político, retornando em 1920 à capital correntina: "tantos poetas, tantos teóricos e críticos se ocuparam da imaginação de Borges, que a imaginação de Borges ocupou o mundo." (BEHAR, *apud* SOUZA, 1999:37)

Josefina Plá faz parte deste rol de escritores avaliados também pelo processo diaspórico, pois no artigo intitulado *Género y nación en Josefina Plá*, Del Pino apresenta uma citação da escritora paraguaia, conclamando sua condição de estrangeira:

Y crucé el Océano, como Colón, con ese sueño a cuestas. Sueño grande como puede serlo una tierra nueva para una mujer; sueño identificado con el de un mundo de amor inagotable. Ahora bien, aunque este país nuevo figurase en los mapas y tuviese nombre e historia, para mí era ámbito desconocido: existía, pero yo debía descubrirlo[...] La llamada colonia le había labrado perfil étnico y tradiciones de una magia ingenua; su independencia no costó una sola vida, pero una inverosímil guerra entre hermanos le costó las tres quintas partes de su población. Tenía -si tiene- el lugar del corazón en el mapa de América del Sur[...]. (PLÁ, *apud* DEL PINO, 2001, p. 2)¹⁰

No conto **Vaca Reta**, Ña Sotera, assim como as outras mulheres e homens que compunham seu grupo, representa a mulher que sofre as conseqüências da guerra, obrigada a sair de suas terras desoladas pelo conflito bélico e procurar sobreviver em outras regiões do Paraguai, especialmente onde tinha o que comer. Assim, ela fixa com seu marido e outras mulheres à beira de um rio:

La guerra, lo que se dice la guerra de los combates y la sangre y el horror de la muerte allí ao lado velando cualquier retazo de sueño o descanso, había terminado'pero el hambre seguía roendo con sus invisibles uñas lãs vísceras [...] Sin una mísera vaca, y hasta sin gallinas hasta mucho después, tuvieron que recurrir em

¹⁰“Eu cruzei o oceano, como Colón, com esse sonho nas costas. Sonho grande como pode sê-lo uma terra nova para uma mulher; sonho identificado como de um mundo de amor infinito. Assim, ainda que este novo país figurasse nos mapas e tivesse nome e história, para mim era campo desconhecido: existia, mas eu devia descobri-lo [...] A chamada colônia havia traçado um perfil étnico e tradições de uma magia ingênua; sua independência não custou uma só vida, mas uma inverossímil guerra entre irmãos lhe custou três quintas partes de sua população. Teria- se tem- o lugar do coração no mapa da América do Sul[...].” (Tradução nossa)

los primeros tiempos al río. U al río seguían recurriendo. Pescar se torno em tarea comunitária, como la siembra. (PLÁ, 2000, p. 372)

Se *identidade* é uma entidade construída, muitas vezes, por oposições e analogias que se traduzem sob a forma de atitudes em relação ao Outro, essas atitudes, dentro da questão da diáspora, migram com o sujeito e configuram-se como formas culturais que vão se fixando no tempo e no espaço, possibilitando a conexão entre várias formas de identidades. Em Serejo, é fulgente o processo diaspórico da personagem Nhá Chamé que vem para o Brasil em busca de trabalho para sobreviver, interagindo-se facilmente com as práticas culturais da região sul de Mato Grosso, pois quando a paraguaia chega à região, a similitude com a cultura local era forte, resultando no encontro amistoso de duas culturas híbridas: a paraguaia, com suas raízes nativas e espanholas, e a sul-mato-grossense, com suas raízes portuguesas, guaranis, paraguaias...

Procedente da cidade paraguaia de Belém, o casal de meia-idade [...] aportou na ranchada ervateira “Semana-Cue”[...]Criou Nhá Chame, amor por essa vivência [...] Pedia, com gesto, protección a lás virgenes [...] Nunca manifestou desejo de voltar para sua terra natal [...] Dizia, constantemente, a paraguaia, que tência uma bola em la varriga e que solo uma operación sanaria em mal [...]

Conclusão

O confronto entre os quatro contos revela diferentes contornos do universo feminino paraguaio, numa tentativa constante de divulgar e legitimar sua identidade. Percebemos a mulher paraguaia nativa como elemento de origem de um processo de submissão ao universo masculino e da formação da mestiçagem paraguaia, representada pela personagem Úrsula. Esse hibridismo e servilismo perpassam por todo tempo e espaço paraguaios nos outros contos, centralizando-se em Nhá Chamé.

A mulher religiosa é outra face do universo feminino paraguaio que, mesmo em situações adversas nas quais precisa resistir às inclusões sócio-culturais, assume papéis opostos, como a prostituta de Assunção, que se vale do comércio de seu corpo para conseguir condições mínimas de sobrevivência. A categoria identitária da religião é fortemente retratada em Nhá Chamé que nessa análise constitui o elemento de conexão entre todas as outras personagens paraguaias e que se vale dessa categoria para interagir com outras culturas. Por outro lado, deparamos com mulheres paraguaias que, numa luta de sobrevivência pós-guerra, assumem o posto destinado ao homem, impondo-se diante de seu grupo, como é o caso de Ña Sotera.

Assim, as mulheres paraguaias representadas nos contos de Plá e Serejo apostam nas categorias identitárias e ao mesmo tempo conformam, apropriam, resistem ou confrontam suas identidades nos locais culturais que vivem. Finalmente, ao estabelecer esse diálogo entre o Paraguai e Mato Grosso do Sul, entre Josefina Plá e Hélio Serejo, buscou-se um aprofundado estudo crítico - comparativo entre as culturas sul-mato-grossense e paraguaia. Josefina e sua obra ainda desconhecidas pelo público leitor brasileiro tornam-se hoje objeto de pesquisa de um projeto de doutorado da UNESP de Assis, que será de grande proficuidade para os estudos literário e culturais regionais e nacionais sul-mato-grossenses, e, principalmente, paraguaios.

Referências Bibliográficas

- [1] CAMPOS, Haroldo. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: ---. *Metalinguagem & outras metas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- [2] CORDOBA, Victor. *La palabra regionalismo*. Disponível em: <<http://www.mercaba.org/Victor/ALGOMAS/regionalismo.htm>> Data de acesso: 20 jan. 2008.

- [3] CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Publicações Culturais, 1999.
- [4] DEL PINO. Ángeles Mateo. Género y nación en Josefina Plá. In: *Cyber Humanitatis* n. 22, 2002. Disponível em: <http://www.cyberhumanitatis.uchile.cl/CDA/vida_sub_simple3/.html>. Data de acesso: 20 jan. 2008.
- [5] ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- [6] FERNANDEZ, Miguel Angel. Introducción. In: **Cuentos Completos**. Assunção: El Lector, 2000. p. 9.
- [7] FRANCO, Jean. **História de la literatura hispanoamericana**. 15. ed. Edição revista e ampl. Barcelona: Ariel, 2002.
- [8] MARTÍNEZ, Manuel Diaz. Sueños y cuentos de Josefina Plá. In: *Cyber Humanitatis*, n. 18, Santiago do Chile: Universidade do Chile, 2001. Disponível: <<http://www.uchile.cl>>. Data de acesso: 20 jan. 2008.
- [9] MENEGAZZO, Maria Adélia. Representações artísticas e limites espaciais: o regionalismo revisitado. 1998. Disponível em: <<http://www.ufms.br/nucdesign/.doc>> Data de acesso: 25 jan. 2008.
- [10] PERARO, Maria Adenir. A imigração para Mato Grosso no século XIX – Mulheres paraguaias: estratégias e sociabilidades. Universidade Federal de Mato Grosso. Deptº de História.
- [11] PIRES, Enilda Mougenot. Prefácio. In: **Contos Crioulos**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998. p. 19-21.
- [12] PLÁ, Josefina Plá. Maína. In: **Cuentos Completos**. Assunção: El Lector, 2000. p. 77-85.
- [13] SEREJO, Hélio. N. In: **Contos Crioulos**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998.
- [14] SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. Mulheres ‘distinguidas’ e mulheres do povo no Paraguai do pós-guerra da tríplice aliança: desigualdade social e direito de cidadania feminina durante a *regeneración*. In: XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/AlbertoMobyRibeirodaSilva.pdf+mulher+paraguaia>> Data de acesso: 20 jan. 2008.
- [15] SOUZA, Eneida. **O século de Borges**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Autora

¹ **Suely MENDONÇA, Doutoranda**
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
E-mail surielmitzi@hotmail.com